

As duas partes terminaram, sexta-feira; nos Pequenos Libombos, província do Maputo, uma reunião de análise da situação da criança e da mulher no país e de definição de uma estratégia nacional de cooperação para o quinquénio 1990/95.

A reunião contou com a participação de diversos organismos governamentais da esfera social e económica que beneficiam de assistência do UNICEF, tendo sido dirigida pelo Ministro da Saúde, Leonardo Simão. A chefe do Bureau do UNICEF para África em Nova Iorque, Marta Mauras, que até ao ano passado foi a representante do Fundo em Moçambique, e a Directora Regional Mary Racelis, deslocaram-se a Maputo para participarem na reunião.

Moçambique é um dos países que têm merecido a maior prioridade na assistência do Fundo, abrangendo os sectores da emergência e segurança alimentar, Saúde, nutrição e acção social, desenvolvimento rural, água e saneamento, Educação, Informação e Comunicação Social.

O documento que serviu de base às discussões recorda que para além das vítimas da guerra, 100 mil pessoas morreram de 1982 a 84 devido à seca. Acrescenta que o facto de o Governo não possuir capacidade de fornecer um mínimo de serviços básicos tem agravado a principal causa desta situação dramática, a guerra, que já resultou na morte de 494 mil crianças.

Adverte que, a longo prazo, os efeitos da guerra terão maiores reflexos na estrutura social da Nação moçambicana «mesmo que os centros de Saúde e as escolas sejam reconstruídos, a formação de pessoal requererá um grande esforço durante longos anos. As grandes mudanças provocadas na estrutura demográfica da população não se alterarão imediatamente, criando mais uma vez problemas que só poderão ser solucionados a longo prazo», frisa o documento.

Moçambique apresenta também das mais altas taxas de mortalidade do mundo que só podem ser comparadas com as de Angola e do Afeganistão, países igualmente afectados por guerras devastadoras.

De acordo com uma estimativa do UNICEF, feita em 1984, e que toma em consideração o impacto da guerra na área da Saúde, 200 crianças morrem no primeiro ano de vida em cada 1000 que nascem. O estudo mostra uma tendência de agravamento da situação do sul para o norte do país onde ainda é muito notório o desequilíbrio económico criado pelo colonialismo.

Um estudo do UNICEF, abrangendo todo o país, mostra que em cada 1000 nascimentos, 325 a 375 crianças morrem antes de atingirem os cinco anos. Esta estimativa toma em consideração os efeitos da guerra e de desestabilização.

Os serviços para as crianças com menos de cinco anos de idade estão disponíveis em todos os centros de Saúde do país, mas apenas cerca de 30 por cento da população é que vive a uma distância acessível dos referidos serviços.

Embora o Governo se esforce por alargar a rede dos serviços sanitários até às aldeias mais desfavorecidas nas zonas rurais, assiste-se em todo o país à destruição massiva das unidades sanitárias pelos bandidos armados.

O Governo reconstrói e reabilita as unidades destruídas e afectadas, mas não pode acompanhar a amplitude da destruição. De 1982 a 87 foram destruídas ou tornadas inoperáveis, 822 unidades e somente foi já possível recuperar 567.

A guerra dificulta o aumento do número dos agentes sanitários por número de habitantes. O fosso da distorção da proporção entre a população e o agente de medicina preventiva aumenta nas zonas rurais. Em 1982 era de 25 400 pessoas por agente e em 86 reduziu-se para 57 mil.

Segundo o documento, existem no país cerca de quatro milhões de crianças e mulheres numa situação vulnerável aos efeitos da guerra, na proporção de um milhão de crianças de zero a 23 meses e 2,9 milhões de mulheres de 15 a 45 anos de idade.

As mulheres, na sua maioria, vivem nas zonas rurais onde se dedicam à agricultura de subsistência e constituem o maior alvo da desestabilização.

Outro sector largamente afectado pela guerra é o da Educação, cuja rede escolar do primeiro grau os bandidos destruíram em 45 por cento.

É a seguinte a descrição pormenorizada da avaliação do caos feita até 1987:

- 2 629 escolas primárias encerradas.
- 440 740 a 500 mil alunos primários afectados.
- 22 escolas secundárias encerradas.
- 3 000 alunos secundários afectados.
- 204 professores secundários afectados.
- 36 centros internatos encerrados, afectando mais de 5 mil alunos.
- Uma escola técnica encerrada.

Segundo projecções demográficas efectuadas abrangendo os deslocados nos países vizinhos, em 1995 atingirão a idade de escolarização, incluindo menores de um a 13 anos, 3 302 400 crianças.

O Governo moçambicano e o UNICEF analisaram esta situação na reunião dos Pequenos Libombos e traçaram uma estratégia de acção para enfrentá-la durante o quinquénio de 1990-95.